

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXIV – 1995

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

GIMENO PASCUAL, Helena, *Artesanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania*, Publicación de la Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1988. N.º 8 da série «FAVENTIA. Monografies». 98 pp. Sem ilustrações. ISBN: 84-7488-396-2.

Também no domínio do estudo das profissões detém a epigrafia papel fundamental. Nos textos votivos, a indicação da profissão por parte do dedicante revestir-se-á, sem dúvida, numa forma de reconhecimento à divindade: o exercício daquela profissão trouxe prestígio, permitiu a acumulação de riqueza, fomentou bem-estar - e o devoto agradece a bênção recebida. Nos textos funerários - de longe, os mais abundantes neste tipo de informação - a alusão à profissão exercida rende-se preferentemente com o prestígio social adquirido.

Um enorme campo de investigação a palmilhar. Não admira, portanto, que para o recente XI colóquio *L Africa Romana* (Cartago, Dezembro de 1994) se haja escolhido como tema «A ciência e as técnicas nas províncias romanas da África do Norte e no Mediterrâneo». O recurso aos monumentos epigráficos foi fundamental, como se verá nos textos a publicar nas actas.

Quanto à Península Ibérica - depois de artigos vários que abordaram, de modo especial, as profissões liberais - este trabalho de Helena Gimeno, que tem

Conimbriga, 34 (1995), p. ~~205-222~~ 210-213

passado um pouco despercebido, constitui, não há dúvida, a primeira grande síntese acerca dos artesãos e dos técnicos documentados na epigrafia romana de Hispânia.

Trata-se da sua dissertação de licenciatura e há que louvar, antes de mais, a circunstância de ter sido publicado, embora, evidentemente, a Autora possa confessar hoje, como confessa, de que o faria agora doutra maneira. É natural, que investigação é isso mesmo: caminhada. Mas o louvor justifica-se cabalmente: primeiro, pelo que ele significou de incentivo para quem o fez (e oxalá o exemplo fosse seguido por muitas universidades, detentores de excelentes trabalhos de pesquisa feitos pelos seus estudantes - de todos os níveis - e incapazes de criarem condições para a sua publicação!); depois, porque este catálogo se impunha. Se verificarmos, depois, que se trata, de facto, duma pesquisa séria, metodologicamente correcta, indispensável ponto de partida para ulteriores investigações, mais razão se dará ao elogio.

Depois de uma introdução em que expõe, com clareza e sucintamente, os critérios adoptados - inclusão de todas as menções de ofícios «que refi ictam a reflectam a participação na criação duma obra tangível para a qual se requeira uma habilitação profissional, ou seja, um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos e a utilização de instrumentos». E, pois, algo de muito preciso.

Constitui a primeira parte do livro (pp. 7-51) o catálogo dos ofícios atestado nas inscrições, agrupados em função da matéria-prima trabalhada (joalheria e metais, pedra, cerâmica, técnicas construtivas, têxteis, couro e pele) ou da actividade fundamental (alimentação e higiene). Na segunda parte (pp. 62-76), esboçam-se as conclusões, subdivididas nos seguintes temas: limites cronológicos, os campos do artesanato, os testemunhos mencionados pela primeira vez na literatura ou na epigrafia, a distribuição das referências em função da divisão administrativa, repartição geográfica por sectores e, finalmente, aspectos sociológicos ligados aos artesãos. Entre a primeira e a segunda parte, incluem-se diversos apêndices documentais (entre os quais se inserem as referências profissionais contidas numa das tábuas de bronze de Aljustrel) e indicam-se, por fim, as fontes literárias e a bibliografia consultada, com a respectiva lista de abreviaturas. Completam a obra índices de ofícios, dos *nomina* e *cognomina*, dos topónimos e de *notabilia*. Em aditamento, quatro pequenos textos, de interpretação problemática.

São comentadas, ao todo, 73 inscrições (sem contar as dos apêndices). Apresenta-se de cada uma o texto; caracteriza-se a epígrafe no essencial e comenta-se, sobretudo, a informação que se prende com o tema. Um comentário cuidadoso, bem documentado, fazendo apelo a outras referências de índole literária, por exemplo. Aliás, cada um dos capítulos apresenta uma introdução que dá logo um panorama do que se conhece no domínio em causa.

De particular interesse se revestem, todavia, as conclusões. Aponta-se a escassez de menções epigráficas de ofícios artesanais na Península: em 10 000 textos revistos, só em 67 essa menção existe, totalizando 73. E, dentre estas, só em 51 há a menção explícita do nome do artesão. Também se conclui que a quase totalidade das menções se circunscreve ao Alto Império; as alusões datáveis do século III ou posteriores são honoríficas e dizem respeito a uma colectividade.

Registam-se 35 ofícios diferentes e é curiosa também a comparação que a autora faz com o que se sabe do mundo romano. Assim, por exemplo, «das 32 menções que conhecemos para joalheiros, ourives e prateiros no mundo romano, atestam-se na Península 9» (p. 66); em relação aos trabalhadores das minas, a proporção é de 11 para 3; quanto aos trabalhadores da pedra, 34 para 4; de ceramistas, 13 para 1 (de Briteiros). No sector ds construção, há 52 testemunhos no mundo romano e «faltam quase todas as especialidades na Península» (p. 68).

Debruça-se ainda a autora sobre o facto de essas referências não terem uma localização predominantemente urbana, como seria de esperar, concluindo que a escassez de informação epigráfica se deve buscar em «razões de tipo sociocultural ou de hábitos epigráficos» (p. 73), no que estamos inteiramente de acordo. Predomina a placa, como tipo de monumento, o que indicia tratar-se de epígrafes destinadas a mausoléus ou edifícios funerários de certo vulto, o que leva a autora a pensar que estaremos frequentemente em presença de «pequenos empresários» (p. 75). Embora se documentem diversas condições sociais, predominam os libertos; a mulher está ausente, salvo raras excepções: uma *lintearia* em Tarragona, uma *sarcinatrix* em Córdova, uma *ornatrix* em Cádiz e outra em Lugo (p. 76). E afirma Helena Gimeno, a terminar:

«É possível que os testemunhos de artesãos não estejam escritos nas lápides e seja preciso ir buscá-los noutros locais».

Cremos que sim: a menção do ofício numa inscrição prende-se directamente com o prestígio alcançado e, em textos votivos, com uma atitude de reconhecimento perante a divindade, se o exercício da actividade artesanal lhe trouxe grandes benesses. Na maioria dos casos, o artífice impor-se-á na comunidade 'assinando' os seus trabalhos - mas as marcas de fabrico, o *instrumentum* constituem outro capítulo, que Helena Gimeno não abordou. Como também excluiu - o que é compreensível nesta fase da elaboração dos *corpora* epigráficos peninsulares - a possibilidade de identificação dos artífices mediante elementos decorativos característicos.

Mas nem tudo se deve abarcar duma só vez e a obra de Helena Gimeno permite-nos desde já ficar a saber que, no que respeita ao território actualmente português, excluindo as referências das tábuas de bronze de Aljustrel (que regulamentam, como se sabe, o exercício de várias profissões - os *strini*, sapateiros, os *tonstrini*, barbeiros, os *scaurarii* e *testarii*, exploradores de escórias de minério e de pedra - dentro do distrito mineiro de *Vipasca*), são os seguintes os ofícios epigraficamente documentados:

- *artifices* em geral, no escudo do guerreiro de Refojos de Basto (nº 1);
- o *lapidarius* de Santa Eulália de Barrosas, Lousada (nº 23);
- o *marmorarius* do santuário de Endovélico (nº 27);
- Caturão, um *figulus* (ceramista) de Briteiros (nº 31);
- um *tector* (especialista em revestimentos) na *civitas Igaeditanorum* (nº 36);
- *fullones* (pisoeiros) em Montariol (S. Vítor, Braga - nº 56) e um em Caldas de Vizela (nº 55); é profissão a que também se refere a legislação mineira de Aljustrel.
- e, finalmente, um *sutor* (sapateiro) em Várzea do Douro (nº 63).

Embora documentado na Coruña, há, como se sabe, um *architectus* natural de *Aeminium* (Coimbra) - n° 37. A discussão mais completa sobre a epígrafe foi feita por Patrick Le Roux («Le phare, l'architecte et le soldat: l'inscription rupestre de la Corogne (CIL II 2559)», *Miscellanea Greca e Romana - XV*, Roma, 1990, 133-145), que reitera a convicção de que *Gaius Sevius Lupus* é, na verdade, o arquitecto do farol da Coruña, obra que terá executado «no quadro duma missão confiada pelo poder imperial ao exército» (p. 145).

Enfim, sobre este tema dos ofícios muito há, pois, para dizer - e o livro de Helena Gimeno Pascual, breve no tamanho, reveste-se, porém, do maior interesse por haver discutido a totalidade das referências epigráficas peninsulares. Na sua qualidade de trabalho pioneiro, é, como atrás dizia, **impressindível** ponto de partida para a investigação que, neste domínio, se quiser fazer. **imprescindível**